



Engel Rodrigues de Lima

Universidade Federal de São Carlos

Universidade de Birmingham

Susanne Börner

Universidade de Birmingham



O HIP HOP É SUA CASA: JUVENTUDE, CURA E CIRCULARIDADE NOS ENCONTROS DAS FLORESTAS

DOI: doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v9i26.1659

EEH EEH TUWEHARUPI ZAGAR WIKO Wá¹

Há um lugar onde o tambor não se cala. Onde a roda se abre no asfalto como terreiro e jovens negros, periféricos, quilombolas e ribeirinhos se encontram para fazer o que a cidade lhes nega: existir com intensidade, com orgulho, com gritos de reconhecimento. Esse lugar é o Hip Hop. Este artigo nasce dentro dele e fala a partir dele. A partir de uma autoetnografia pluriversal (Querejazu 2025), percorremos três biomas para argumentar que o Hip Hop opera como encruzilhada (Martins 2021): locus dinâmico onde o visível e o invisível, o ancestral e o presente, o corpo e o território convergem e se transformam. Argumentamos que a pluriversalidade como metodologia ou cosmopraxis abre espaço para a coexistência relacional, além da singularidade de narrativas dominantes (Querejazu 2026). Em tempos de erosão das sociabilidades espontâneas e supremacia das plataformas digitais, reflorestar a mente tornou-se imperativo político (Krenak 2022) — repovoar os horizontes cognitivos, afetivos e políticos com os saberes e cosmovisões dos povos que o capitalismo colonial insiste em silenciar. O Hip Hop é um dos principais vetores desse reflorestamento.

A narrativa parte de um jovem nascido em

1997 em barraco de madeirite de dois cômodos, na periferia extrema de uma metrópole brasileira, às bordas da Mata Atlântica. O corpo que conhece é inseparável do território que o constitui. Nesse território de ausências, a floresta vizinha era sala de aula e quintal. As redes de vizinhança, tecidas por mulheres, trabalhadores, cozinheiras, catadores e militantes, configuravam uma ecologia do cuidado que precedia qualquer política pública. Foi nessas redes, e nas reuniões do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que o jovem teve o primeiro contato com militantes do Hip Hop: corpos que se destacavam pela racionalidade criativa e pela afirmação da identidade negra periférica. O Hip Hop tornou-se sua casa porque, onde quer que chegasse — da Mata Atlântica ao Cerrado, do Cerrado à Amazônia —, foi sempre recebido como se já fizesse parte há muito tempo. Cada cômodo dessa casa tem suas particularidades; todos os rios levam à convergência.

A cura promovida pelo Hip Hop começa no coletivo e atinge o individual. Ela não opera como remédio prescrito em horário fixo: opera por transmutação — da dor em rima, do sofrimento em performance, do luto em passo de dança. A ressaca colonial (Milstein 2023) nomeia os impactos cumulativos, materiais e simbólicos, que populações colonizadas continuam absorvendo geracionalmente. Superá-la exige transcender os binarismos que o

1 - Esse título foi retirado de um trecho do refrão dessa música: Cantos Dos Ancestrais: https://youtu.be/gAzU48kRbuw?si=ttvUvV_MeV635hmk

colonialismo sedimentou nos modos de ser: humano e natureza, corpo e território, arte e política, sagrado e cotidiano (Milstein et al. 2023; Querejazu 2026). A Biblioteca Comunitária Zumbi dos Palmares, articulada por militantes do Hip Hop e movimentos de esquerda, materializou esse processo num bairro periférico: rapper ensinava coral para crianças, pixadores traziam pastas de desenhos, jovens mandavam seus salves pelas rádios comunitárias. O festival — breaking, coral, MC's, grafites nos muros — foi uma encruzilhada performática (Martins 2021) onde passado ancestral e futuro de esperança habitavam um único espaço-tempo. Quando a prefeitura demoliu tudo com apoio policial, as memórias resistiram. A cura não estava nas paredes.

A encruzilhada — mpamba, na tradição filosófica banto — é o locus onde múltiplos planos da existência convergem: o visível e o invisível, os vivos e os mortos, o humano e o divino. Leda Maria Martins articula a partir daí o tempo espiralar: temporalidade não linear que enlaça diferentes momentos históricos, fazendo do passado ancestral força atuante no presente e projetando-o em futuros possíveis (Martins 2021; Krenak 2022). A roda de rima e a batalha de breaking são encruzilhadas onde essa gira acontece no asfalto com a mesma potência sagrada do terreiro. O Hip Hop opera como canal de acesso à ancestralidade: o tio do jovem — homem negro, filho de caçador e pescador — transmitiu, ao trazer fitas do Espaço Rap, um ethos que articulava floresta, ritmo e comunidade. As caminhadas pela Mata Atlântica, com estilingue e canções em voz baixa para não espantar a caça, eram a pedagogia da encruzilhada. O encontro do visível e do invisível não é metáfora nesses territórios: é a encantaria que desce nos versos dos MCs amazônicos, o caboclo que fala pela boca do rapper, a mata que sussurra nos beats. Sonhar é aqui ato político — sonhar junto, sonhar o território, ser sonhado pela floresta.

Da Mata Atlântica ao Cerrado, e do Cerrado à Amazônia, cada bioma acrescentou camadas ao entendimento do Hip Hop como método e como morada. O ativismo juvenil emerge como experiência de experimentar, pertencer e agir no ambiente local (Börner et al. 2021):

práxis encarnada onde o corpo que rima é o mesmo que habita, sofre e resiste. O encontro das florestas através do Hip Hop revela que as diferenças são pontes — cada expressão local tem sua particularidade, mas os rios convergem no ritmo e nas pautas da terra, das ruas e das águas. O projeto Amazônia Vive, da Produtora Ver-o-Som (Belém, PA), materializa essa encruzilhada: reúne MCs de territórios amazônicos distintos em composições audiovisuais com produção profissional. O volume 1 reuniu GBM, Nero Devon, Pelé do Manifesto, Cachalote, FLEXA, PJO e Daniel BackDan (prod. GBM); o volume 2 reuniu Dudu Ubd, Bunnin, Bruno Rdgz, Rick D, Nego Rod e Bruno BO (prod. GBM); o volume 3, Daniel ADR, Moraes MV, Bené, Ruth Clark, Xico e Bruna BG (prod. NAVI BEATZ). Cada voz traz seu corpo-território para a cena; as perspectivas convergem sem se apagar. A floresta aparece como sujeito enunciativo: os versos falam dos rios, das matas, dos povos, das ameaças e da resistência a partir de dentro.

‘Então bota um tambor no rap que eu vou sem dó / Alquimista da quebrada no beat de carimbó / Sou cabano moderno, poeta e freestaleiro / Mistura de Malcom X com Antônio Conselheiro’

(Pelé do Manifesto, Rima com Farinha).

Nesses quatro versos condensa-se o argumento deste artigo. O tambor do carimbó — herança viva da Amazônia negra e indígena — reorienta a batida temporalmente: o passado ancestral das casas de Mina e das encantarias entra na frequência do presente urbano. É o tempo espiralar em ação (Martins 2021). O alquimista da quebrada transmuta a dor em rima — operação coletiva que atinge o sujeito de dentro para fora. O cabano moderno inscreve seu corpo-território numa genealogia de resistência secular: aquele que nasceu na beira do rio e, na Cabanagem de 1835, levantou-se contra o poder colonial com a floresta como aliada. Nomear-se cabano no rap é ato do tempo espiralar: o passado insurge no presente como identidade política e cosmovisão. A síntese Malcom X com Antônio Conselheiro é a encruzilhada encarnada em um verso — dois continentes, dois séculos, uma luta.



Pelé do Manifesto, Nic Dias e artistas convidados do álbum Quebrada 91 em cena. A vegetação tropical no palco enuncia a floresta como presença viva, não como cenário.

Figura 1. Encerramento do show da Mamba Produtora na reinauguração do Mercado de São Brás (Belém, PA, dez. 2024)

Fonte: acervo da pesquisa.

A Figura 1 registra o encerramento do show da Mamba Produtora na reinauguração do Mercado de São Brás (Belém, PA, dezembro de 2024), evento em que o álbum *Quebrada 91*, de Pelé do Manifesto, foi apresentado ao público com a participação ao vivo dos artistas convidados do disco. Os corpos reunidos no palco — abraçados, emocionados — carregam a memória imediata de um show de super produção que foi lindo e deu certo. *Quebrada 91* reúne um artista de cada bairro periférico de Belém em colaboração com Pelé do Manifesto, no ritmo do drill amazônico. Cada voz é um corpo-território: uma perspectiva singular que, ao se juntar às demais, compõem uma Belém plural, relacional e criativa. Os sonhos ali partilhados são coletivos — assim como as lutas e as vitórias que tornaram aquele palco possível. A vegetação tropical, os corpos negros e periféricos, o Mercado de São Brás como espaço histórico do Hip Hop paraense desde 1993: tudo converge numa encruzilhada (Martins 2021) onde o ancestral e o presente se tocam, onde a floresta e a cidade se reconhecem, onde o que foi sonhado se faz visível.

Considerações Finais

O Hip Hop constitui uma casa epistemológica: espaço de cura, pertencimento e produção de saberes que opera nas encruzilhadas entre floresta e cidade, ancestralidade e presente, sonho e ação. A autoetnografia pluri-versal afirma que todo conhecimento é situado e relacional — que o corpo

que pesquisa é o mesmo corpo que rima, que caminha na mata, que perdeu parentes na pandemia e seguiu em frente amparado pelos parceiros do movimento. O reflorestamento das mentes é prática coletiva (Krenak 2022): exige muitas vozes, muitos rios e muitas florestas. O tempo espiralar não permite que o passado seja abandonado — a cada roda de rima, o ancestral se faz presente como força de transformação. O Hip Hop foi a casa que abrigou esse jovem sem teto. Que este texto seja convite para que outros encontrem, nas encruzilhadas das florestas – mesmo que de concreto e aço – os caminhos de suas próprias casas.

Referências

BÖRNER, S.; KRAFTL, P.; GIATTI, L. L. Blurring the ‘-ism’ in youth climate crisis activism: everyday agency and practices of marginalized youth in the Brazilian urban periphery. *Children’s Geographies*, v. 19, n. 3, p. 275–283, 2021.

KRENAK, A. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MILSTEIN, T.; THOMAS, M. O.; HOFFMANN, J.; CARR, J. “Even I am a Part of Nature”: unraveling the human/nature binary to enable systems change. *Environmental Communication*, v. 17, n. 4, p. 421–436, 2023.

MARTINS, L. M. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

QUEREJAZU, A. Pluriversality as methodology. *Third World Quarterly*, v. 47, n. 3, p. 629–640, 2026.



Terra Indígena Mangueirinha,
Paraná,
Ariadne D. Ayres, 2022.